

Uma semana românica

1. A igreja de Freixo de Baixo

Quem, vinte minutos andados do Alto da Lixa, na estrada de Amarante, se deixar ir nos declivosos e apertados carreiros da encosta até o fundo vale dum arroio do Tâmega, à vista esplendorosa do Marão, encontra facilmente, sob frescas latadas e sombras de árvores, junto à corrente, a velha igreja de S. Salvador de Freixo, ou Freixo de Baixo. Segundo autorizadas informações dos habitantes desta assaz recatada freguesia, foi o templo românico castelo agareno, mau grado à sua situação, e, a quando da expulsão dos infiéis para além do território, imobiliária presa da cristandade que o afeiçoou às suas liturgias. É igreja do primitivo plano, de uma nave com, segundo a mais natural das conjecturas, capela-mor rectangular de simples diferenciação absidal em pé direito. Esta conformidade que, só da conjugação do exame monumental com as tradições locais duma restauração pouco antiga, na parte absidal, se me impôs, merece documentação esmerulosa. Por ser êste, pois, o único ponto controverso em que o estudo da construção se pode dar, voltaremos a êle no fim duma desprevenida observação de todo o conjunto. No ângulo de sudoeste da frontaria avança a tórre¹, servida por portas de volta redonda e uma janela geminada tendo uma parede por divisão e suporte da imposta central e os extremos dos arcos que nela começam assentes numa imposta corrida e longitudinalmente sulcada que cedia o lugar nas quatro faces da tórre a janelas idênticas, as fronteiras respectivamente hoje vingadas e desmanteladas nas voltas. Sólida construção era a destes arcos como aí parou de desmantelar-se desde a cornija o primitivo aparelho ainda que os homens obstassem. O templo é que próximamente todo andou em precalços de ruína. Um corte desde a fachada tornou asado o recuo da parede do Evangelho desde o eixo, facto pouco menos vulgar que o corte das ábsides e de que eu já publiquei um exemplo em *S. Romão de Arões* (*loc. cit.* p. 18). Acaso de certo, mas o acaso capricha em estender as construções românicas para o lado sinistro. Êste alargamento não trouxe a Freixo nenhuma dependência. ¿Seria pretexto tirado duma ameaça de ruína? Provavelmente. A ampliação é quasi imperceptível e só

¹ O Sr. Joaquim de Vasconcelos, referindo-se-lhe, a p. 19 do texto da *Arte Românica*, confronta-a com a Casa da Câmara antiga de Brangança.

basta o provar que a primitiva parede exterior da esquerda já não existe. Entrando pela porta principal, reintrante em três arcadas assentes em capitéis de estilização animal e vegetal vulgar¹, cujo tímpano, nota humorística, foi caído, depara-se-nos um interior vulgar de igreja aldeã, raso, nu e branco de cal, desgraça a que o exterior escapou. A cobertura de toda a construção foi o madeiramento, desde o início. ¿Teria o arco triunfal suporte de colunas? Não há vestígios nem a menor probabilidade. Ora, quanto à ábside, como a construção foi cortada na altura em que hoje assenta a tribuna, mesmo no extremo da capela-mor, onde se nota um poderoso desnivelamento de águas; como daí por diante uma dependência, já duas vezes levantada em tempos modernos, segue, em menor largura, por pouco mais ou menos a linha do corte; vem a ponto de concluir que ou esta dependência é a edição pelo menos terceira da ábside ou que esta se achava só diferenciada em pé direito, sob planta rectangular do mesmo eixo transversal, no corpo da capela-mor.

Em virtude das razões que aqui pude deixar expostas e doutras considerações que fogem às possibilidades da pena, eu aconselho a primeira conjectura, ainda que ela se dificulte mais e venha colocar a igreja de Freixo em condições ainda não comprovadas para nenhum dos nossos monumentos românicos, mas condições que cedem à logica das circunstâncias e das necessidades locais. No emtanto não é possível impôr dogmáticamente uma probabilidade das dêste género e eu não vejo nada mais conveniente que uma reservada expectativa para o que um acaso ou uma observação mais feliz nos possam trazer de mais certo sobre a natureza da abside e suas dimensões. Deixemos descansar na beatitude da sua paz estas reliquias religiosas, ainda que sobre elas pesem lamentavelmente as profanações dos homens e do tempo, inconscientes todas, mas lancemos à terra a semente de remoçado culto, pois muito interessará que, quando estes pobres mutilados expirem na sua inanição, o presente lhes saiba remexer dos escombros uma centelha de luz de rememoração para o futuro. Que na sua hora final uma compassiva mão recolha o seu testamento longo.

Até lá é impossível purificá-las todas. O povo cuja alma ingénua é a maior esperança da arte, ama-os mesmo assim.

Façamos que essa devoção carinhosa se herde, acrescentada em

¹ O último capitel da esquerda mostra na parte superior, sob o ábaco, uma ornamentação de rodas radiadas. O motivo vegetal é a fôlha de hera.

consciente reverência para com êsses pequeninos poemas humanos e divinos a que os risos da terra mandam a sua colorida nota de benéfica adoração.

2. A igreja de Vilarinho

Pór detrás duma das várias eminências que dominam Vizela está escondida a igreja desta freguesia do concelho de Santo Tirso. Sem que admire encontrar-se mais esta encruzilhada num dédalo, mas sem também se lhe descortinar razão de ser, se tem visto que exageradamente lhe carregam danos os seus bastantes títulos de glória. A sua galilé podia ser um nártex sem precedente, a planta, de simplicidade extremada, um embrião estrutural, como se da arte latina tivesse nascido alguma cousa neste solo; as aparências sientíficas não se traíram. Mas hoje não é já tempo de iludir o testemunho ornamental. Se ainda fôsse, após tantas lições pelo absurdo expostas na clareza das plantas, necessário fazer testificar os exemplos decorativos, eu não digo que, num assunto onde termos técnicos e observações técnicas orçam pela insuficiência, a tese não ficasse mais comprometida. Mas não basta notar as ordens de secção nos caules vegetais, a tendência ao redondamento trilobado das axilas¹, na idea duma simetria que se realiza? os motivos animalísticos são tradicionalmente concebidos; mas a disposição do carácter humano do capitel direito da fresta do côro ao Evangelho não ressenete coolusão sôbre os similares, um, por exemplo, da parte interior da tôrre de S. Pedro de Rates numa mísula? É verdade que as frases feitas desta dialéctica artística ficam quási sempre e a evolução acentuadamente perceptível; quando começou? ora tantos exemplos como se poderiam citar fazem alguma fé e não há senão partir dêles ou não partir para cousa nenhuma. Portanto, vamos ao que importa. A galilé é verdade que vagamente compromete:—é de latitude inferior à da nave. Nela enquadram modernamente a tôrre e altearam a água esquerda do telhado. A cobertura de madeira baixou também do lugar que ocupava formando o tecto de modo a encobrir por pouco a arcaria da portada da nave. Êste abaixamento devia ter-se dado também na nave de Águas Santas e algures mais; ali, quando lhe foi aplicada a cober-

¹ Esta feição evolutiva, se a quiserem reconhecer, é produto da influência estrangeira, que de nenhuma noção tipológica poderia resultar expontânea ao menos experimentado juízo crítico. Mas nas relações artisticas nada se reduz a factos isolados onde parece não poder ver-se outra cousa. Com efeito, a evolução tipológica é sempre um facto ao menos nas regiões donde se importa, realizada já.

tura mudejar que ainda se conserva. Aqui, na galilé de Vilarinho, só o mudejarismo de todo o carpinteiro peninsular assiste, o que basta ainda conservar-lhe o carácter no alçado¹. A porta de entrada para a galilé tem só isto de particular. A arquivolta assenta em rudísimos saiméis—impostas. A portada da nave tem três arcadas assentes em colunas cujas bases estão lavradas de folhagem sepalvide ou historiadas com cabeças de homem, bovídio, etc. Os capitéis estilizam fôlhas da mesma espécie (cintados?) e o primeiro da direita dois galos unidos no mesmo biso (o que o camponês que me acompanhou já *identificara*) tendo no meio outro animal deitado de que só o prótomo se vê, sem identificá-lo. O que é de notar é que todos estes capitéis e os restantes são curtos, o que não é de todo em todo românico, passados os primeiros três quartos do séc. XII, se o bem afirmam exemplos, mas que ser pode da época já do início da transição (meados do séc. XIII). A nave recebe luz por seis frestas românicas cuja volta assenta por capitéis em colunas. As impostas representam a conveniência de ligar o tecto ao corpo da parede.

O carácter da ornamentação dos capitéis destas frestas é o que já acentuei. Ao rasgo das paredes correspondem naturalmente os gigantes na parte exterior e não à existência de uma abóbada que não teve realidade. A abertura duma porta, de arco apontado como o da fresta da nave, excluiu adventiciamente a colocação dum gigante. Dêste momento em diante é que só a fé nos salva. Olhando a construção pelo lado exterior, da nave em diante a cornija estribada vê-se terminar.

Começa a capela-mor, restaurada em 1622, que pode ter sido uma do mesmo alcance, já terceira vez renovada perto do nosso tempo, com cornija de cimento. Valha-nos neste transe a igreja de Serzedelo, cuja capela-mor tem de aceitar-se rectangular, mais ou menos forçada. Os arcos apontados definitivamente, em uso mais essencial em Vilarinho que Serzedelo, a ornamentação, a existência da galilé, são bem concordes em assinar à construção das duas igrejas a época de fins do séc. XIII. Com uma tal pobreza de exem-

¹ A observação para Vilarinho é minha. Em todas as cousas dêste género a prioridade é do Sr. Joaquim de Vasconcelos, de quem fui discípulo na Universidade de Coimbra.

Walter C. Watson in *Portuguese Architecture* consignou o melhor das informações valiosíssimas de S. Ex.^a

Minha é a hipótese do abaixamento das coberturas, da qual, creio, não vem mal ao mundo!

plares não admira que me suceda o ter de lançar mão de um processo ainda mais crítico na reconstituição desta parte da igreja de Vilarinho que não da abside de S. Romão de Arões¹.

São isto aproximações que é conveniente ter em vista para o caso de se poderem estender, mas de quemquer que saberá guardar sensatamente reserva no caso de poucos elementos de prova subsistirem. De resto, é muito natural aproximar igrejas do princípio do séc. XIII, como Ferreira Arões, Unhão, Airães, etc, como natural parece aproximar de Vilarinho e Serzedelo todas as que do terceiro quartel do séc. XIII possam porvir. Entre Serzedelo e Vilarinho há comunidade de tradições monásticas. ¿Teriam sido desde princípio igrejas de mosteiros que ali sabemos existirem desde o séc. XIV? Vilarinho ainda conserva fragmentos do séc. XV e anteriores porventura no claustro que encerra o seu pequeno cemitério. Uma inscrição numa das paredes de um arco da parede dêsse claustro fá-lo atribuir à era de 1410 (o claustro, na sua primeira ou segunda construção?). Em Serzedelo, de que vamos falar, nada se identifica do velho mosteiro.

3. A igreja de Serzedelo

O carácter das curvas architectónicas tem sido muito ligeiramente apreciado. Desde a curva ultra-semicircular, ainda hoje objecto de sérias e bem justificadas hesitações, até as esporádicas contrafacções dos conjuntos das arcarias concêntricas românicas, tem-se agitado tradicionalmente o absurdo. O Sr. Joaquim de Vasconcelos julgou, pois, necessário derruir os prejuízos góticos, de nossos dias ainda vigentes, com uma hipótese salvadora; podemos enunciá-la assim: A tendência para o arco apontado, bastante anterior à definitiva fixação do gótico, é um natural recurso ornamental. Recurso êste, ajuntarei, que muitas vezes emendou dificuldades, algumas vezes, porém, despreocupadamente as levantou. Não pude deixar passar em claro, mas, por uma desesperadora inércia ou má vontade não já minha, ainda não chegou a vez da publicidade ao meu reparo necessário, e vou desfazer aqui, por isso mesmo, um involuntário falso fotográfico do Sr. Marques Abreu que induziu um arqueólogo em êrro. Trata-se do postal da igreja de Meinedo, imprópria e falsamente representada mudejar². Assim se orientou a impressão da

¹ *Allegro vivax*, p. 18.

² *Arte Românica*, p. 53 das reproduções. Traçado mudéjar, ultra-semicircular! Eis o pé das proporções que apurei em tam intrigante conjuntura:

Flecha do arco 1^m,107;

chapa — caso estranho! — mas as medidas que eu vou dar provam sómente que a imperícia da construção ou o mal entendido do resultado a tirar descentraram os elementos arquivoltados da arcaria. Tam pouco era gótica Serzedelo nos seus arcos, se das suas arquivoltas todas isoladas e românicas, não inscrevesse parte, bem românicas, as arcarias essenciais. São estas a portada da galilé para a nave que forma com a capela-mor o corpo principal do templo; o arco de triunfo; ao passo que as portas laterais, a da sacristia, direcção «formera» e os docéis dos sarcófagos da galilé são ogivados. Quanto à planta pode dizer-se de Serzedelo: — É a arte românica que revive num monumento gótico; — quanto à ornamentação: — É uma saúde românica que inflora emurhecida aqui; — mas no alçado o traço românico leva a melhor, pelo menos em primitividade autêntica, mas a linha da ogiva, pôsto que modesta é já inquebrantavelmente definida. Na planta, tem a galilé, revivescência ou melhor resurreição do nártex, que, caído em desuso o prè-românico tramo «in antis», eu nunca pude reconhecer no corpo avançado das nossas igrejas rurais, apendicular e necessário ao desenvolvimento das portadas românicas de sucessivas arquivoltas¹. Depois da nave, sem colaterais, alumiada por várias frestas laterais e pela janela ou fresta gótica, vulgar desde fins do século XIII na nossa arte românica de transição (exemplo desenvolvido em Santa Clara de Coimbra, fachada) colocada sôbre a portada da nave, acima do tecto da galilé, está a capela-mor quadrada. ¿Não teria esta parte sido reduzida na abside ou em si própria? Será natural² pensá-lo. O que é certo é que uma dependência lhe continua da parte da Epístola, com uma estreita janela gótica que não é necessário fazer remontar muito baixo, do fim do século XIII³. Vê-se, nisto só, que a igreja de Serzedelo não

Vão do arco 1^m,662 (quebrado);

Flecha da penúltima arquivolta 1^m,675;

Vão da penúltima arquivolta 3^m,702 (redondo).

¹ Veja-se adiante desenvolvida a discussão a propósito da igreja de S. Vicente de Sousa.

² Não é preciso voltar ao assunto do próximo parentesco que da contemporaneidade em que, até certo ponto, as consideramos, resulta entre esta igreja e a de Vilarinho. A quem o não aceitasse, admitiríamos ainda dúvidas sôbre se a capela-mor teria sido ampliada.

³ Veja-se a opinião do Walter Crum Watson sôbre as nossas janelas góticas, tam *a priori* quanto assenta numa só (*Portuguese Architecture*, p. 65). A de Serzedelo vem reproduzida na *Arte Românica*, p. 30 das reproduções. Ver *ibidem*, p. xxviii dos «detalhes» uma janela do claustro de Leça do Balio, muito arcáica.

teve o tempo necessário de concepção para se fortalecer na corrente das innovações que afectavam, meio século antes e menos, as suas irmãs e vizinhas da, já assim chamada, transição. Na ornamentação, enfim é que o tradicionalismo por completo vingou. Ela é, porém, tam pequena parte na feição do templo, quanto discreta e miúda, cingiria em arquivolta todos os arcos antes de rebocados. Na porta de entrada na galilé e no templo em geral, é um denticulado em triângulos na arquivolta e nada mais. O arco assenta em imposta que se perde no corpo do aparelho e não avança para dentro da linha diametral. A arquivolta da portada da nave chegou por meios seus à decoração banal como que sagitada, corrida em curvaturas de intenção simétrica bastante irregular em princípio.

Cingi-a uma espinha, motivo tradicional e até luso-romano e popular. Os dois capitéis da portada da capela-mor infloram nos dois ângulos intactos duas estilizações vice-versa, uma mais antiga contemporânea já do tipo de Águas Santas, outra do tipo de Unhão, antiguidades só relativas fora da concretividade dos anos. E é isto, muito simples e muito *sui generis*, a igreja de Serzedelo. Do lado sul está enterrada os seus dois metros no solo.

Fraço e ingrato amparo, mas que lhe tirou as preocupações de se estabilizar com gigantes que não possui para que fôsse coberta senão de madeira. Tem telhados de duas águas e as empenas primitivas estão protegidas de cruces. Na cornija não há gárgulas; corta-se de quando em quando sôbre a fieira da cachorrada e a água escorre, o que é vulgar. Creio que por êste discriminar, só me terá passado o campanário. Pois lá está êle, uma parede encostada ao ângulo da igreja com três voltas sineiras, mas; pobre monumento!

Quem fôr a Serzedelo, é justo que, à custa de meia hora de cavalgar por ingratos caminhos, tribute a sua visita aos setecentos e trinta e sete anos duma igreja cuja frontaria faz desanimar, mas que rodeada à vista da sua cachorrada com pobres historiações e penetrada pela porta românica do norte, se reconhece ser membro da família do séc. XII.

O corpo da nave lá está que é o primitivo. As paredes que separam no topo avançam a receber o arco triunfal, irritantemente pintado. E o resto aí está, é essa capela-mor rectangular. Quando ao saírem dela retomarem o seu caminho ou retrocedendo para a estação de Lordelo ou atravessando Silvares para Guimarães, levarão sem grande esforço, com a recordação das máscaras dos estribos, das suas frestas e da nudez violada, mais um monumento românico para a conta. É S. Martinho de Cadoso.

4. A Igreja de Santa Maria de Airães

Quem, como eu, tivesse pretendido uma tese de romanização, pelo confronto toponímico, em Arões¹, encontrando, a ter descido para o vale, logo abaixo de Fareja, na encosta do monte Columbarino dos romanos, a cuja aposta vertente se abrigam Margaride e o culto da Virgem Quitéria, o vasto foco duma *cividade*, não teria deixado passar despercebido o achado de antiguidades romanas junto à igreja de Airães, uma légua distante da vila de Felgueiras. Chega-se lá atravessando, um pouco por sudeste da vila uma região animada ainda com visos dramáticos de Basto. Airães e Arões tem semelhança toponímica recíproca e ainda com outras terras próximas, mas a denominação deve ser medieval. De resto também as duas igrejas românicas se parecem muito em manifestações tardias de incidência românica; sómente a igreja de Airães, que se não pode ao certo inculcar anterior ou posterior, guarda para a de Arões, com certos relevos, o carácter de mais seguido e talvez lógico acabamento. É, para mais, de destaque entre os espécimes da região uma certa parte dos distintivos que fazem o comum pecúlio destas duas igrejas. Representam elas, no entretanto, uma época e não uma anomalia, emquanto diz respeito ao seu fundo comum. Ainda no decurso destas análises monográficas lhes havemos de encontrar outras relações mais remotas mas lídimas de parentesco. Com S. Romão de Arões já eu acariei a igreja de Ferreira. São em geral individualidades, por vezes pouco dependentes, dêste tipo, as igrejas em transição para o gótico. E, com um portal em que a obra de canteiro em nada destrói do tipo regionalmente consagrado, como

¹ *Allegro vivace*, p. 17, nota 1. Uma rectificação esperava eu fazer noutro número quanto a S. Romão de Coronado. É esta: Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Pires de Lima recebemos o seguinte bilhete que muito agradecemos e, sem, a nosso ver, demolir a hipótese que formamos, constitue uma judiciosa restrição que, com licença de S. Ex.^a, muito nos apraz publicar:

«Há no concelho de Santo Tirso duas freguesias antigas — S. Mamede Coronado (ou S. Mamede de Coronado) e S. Romão de Coronado.

Em documentos antigos tenho visto chamar à de S. Romão — S. Romão de além de Coronado e suponho que, por isso, a designação de Coronado era exclusiva da de S. Mamede, passando a chamar-se de além de Coronado a de S. Romão por estar para além de S. Mamede e abreviando-se mais tarde a designação em S. Romão de Coronado. Sendo assim, o adjectivo Coronado só se applica a S. Mamede (ao santo e não à freguesia) e certamente a explicação do facto está em ter sido coroadado êste santo o que é fácil verificar em qualquer *Flos Sanctorum*. — António Augusto Pires de Lima»

em Unhão¹, Ferreira², Travanca, etc., por influxo monacal, se isto pode pensar-se duma tam pouco célebre innovação como tem de ser sempre as de ordem ornamental, a uma norma de estilização um pouco cluniense; com êsse aspecto de singeleza rural que, já hoje conhecidas tantas igrejas de freguesia, deixa de constituir, pela simplicidade da planta, de uma só nave embora, um critério de vetustez, como ainda no tempo de Crum Wattson; com isto, a igreja de Airães pode dizer-se orgânicamente ogival desde o arco do triunfo. A sua capela-mor não é todavia muito recente na época da transição, por isso que a construção foi ininterrompida. A sua capela-mor tem uma dependência coberta ainda a abóbada de beirão; mas nem podia ser doutra maneira. De resto, como em Arões os arcos «formeiros» da abóbada simples de ogiva assentes em grossos capitéis dos quais os segundos não assentam já aqui nas fortes bases lavradas senão em fustes cortados pelo têrço superior em pirâmide invertida; como em Arões também a abside cortada — destino quási inquebrantável destes monumentos³ — podia ter sido tam românica como a de Ferreira, mas não podia ter nunca um carácter pronunciadamente ogival para além da certíssima promessa de que o gótico nunca se generalizou entre nós nem mesmo seródio⁴.

¹ Ver as fotografuras da frontaria desta igreja na *Arte Românica*, p. 102-104 das reproduções.

² Ferreira tem muito mais de puro normando que simples rasgos — muitas peças de modinatura completas. ¿Esta igreja, considerada no seu ponto de vista de historiação e architectura duma escola, não podia ser reputada mais antiga do que a mesma de Unhão onde nada existe de ogival? A ogiva não basta a constituir critério cronológico; mas a estilização sofre a cada passo imprevisos embates da rotina ou se purifica no espírito dos primitivos modelos ou aceita influências quaisquer. A planta raro dá elementos para a destrição. É um terreno todo conjectural

³ Não admira que das três igrejas românicas que restam em Coimbra só à S.ª ficasse a parte absidal, ainda falha da absidiola do lado da Epístola. Nas igrejas românicas da provincia em que a existência dela tem de admitir-se forçosamente sem dilema, são de dois têrços, sem exagêro, os casos de mutiliação completa e quasi gerais os de mutiliação parcial. Teimoso acaso! ¿E os restauros nas condições de Roriz? ¿as injúrias que o tempo tem feito sofrer a belos exemplares de ábsides como a de Vales Longos (Monção)?... É um rosário infindável de misérias...

⁴ E, todavia eu não esqueço nenhum dos nossos monumentos góticos. Lamento que a igreja de Atouguia da Balóia (Estremadura litoral), um dos primeiros, ficasse tam pouco esclarecida no artigo em que o Sr. Ribeiro Cristino teve a fortuna de apresentá-la na *Terra Portuguesa*, I, p. 110, porque tem grande interêsse cronológico. Os espécimes de Leça do Balio, Oliveira de Conde, os S. Fran-

Os capitéis da capela-mor de Arões são bem mais complexos de estilização que os da de Airões. Estes são simples. Um representa dois cavaleiros de frente um para o outro com as lanças verticais — é vulgar. Outro há de estilização floral mais larga e em geral, como em Arões, fôlhas em curta ondulação espiralada sobem para o ábaco. Mas nos outros dois o motivo vegetal é dado realisticamente, quasi sem estilização, e será isto, no sentido tipológico duma observação latamente confirmada, um carácter de recentismo como eu quis mostrar nos estribos lavrados de S. Romão de Arões? (*loc. cit.*, p. 19, nota 3).

As escolas de ornamentação começam rudimentares e é também rudimentares que acabam. A arte românica, mesmo nas regiões mais puras acabou mais realisticamente ainda do que começou, porque nos seus inícios importou modelos. Mas para que a minha observação tenha toda a latitude duma lei geral é necessário provar-se, e eu não o conseguiria, que o estilo românico chegou à decadência. É já muito longa a digressão de ideas a que a recatada e inédita igreja minhota me trouxe. Para concluir, posso fixar-lhe sem receio para idade o meio século XIII, salientando todavia o vago indefinido com que destas igrejas de que S. Romão de Arões é tipo característico saímos de indagar-lhes o passado. É uma impressão deprimente. Sobre S. Romão de Arões eu fui levado a produzir um treno. É que a fisiologia, por assim dizer, da arte românica não está sequer inventada. É um esqueleto, apesar de todos os esforços já feitos, e se os meus ainda vingassem, passaria da reconstituição de múmia? Instituição social dos povos latinos, como eu a considero e creio bem que depois de mim todos concordaram em considerá-la, eu creio bem que muito importaria que ela apparecesse aos olhos da nossa curiosidade como aos do nosso interesse em toda a evocação dum organismo vivo.

ciscos de Guimarães, Évora e Pôrto, a Sé da Guarda a Santa Clara de Coimbra são trechos artísticos, não corpos duma instituição artística nacional. Eu apontaria ainda mais exemplos — e o meu paradoxo resultaria mais flagrante?.. não! Eu tenho até Afonso Domingues no rol das minhas devoções particulares; tenho uma grande predilecção artística pelos nossos sarcófagos góticos, como os dois magníficos túmulos de Alcobaça, e o do bispo Afonso Pires na gloriosa e antiga basilica goda de Balsemão, o esquecido túmulo que, mutilado, esmagado, é, emfim, uma illustração de indumentária e uma recordação raro compulsada de história, na igreja dos Anjos, em Montemor-o-Velho. Tenho mais isso, a predilecção pela estatuária gótica e não é isso menos portuguez até a Renascença que a abóbada milagrosa da Batalha. Mas insisto em crer inabalavelmente que a arte românica com os seus precedentes godos e as suas sobrevivências paleo-étnicas de motivos ornamentais, foi ainda em arte a única instituição social espanhola.

5. A igreja de S. Vicente de Sousa

Fica em terras montanhosas, mas menos talvez duma légua de Unhão, da estrada de Penafiel. Ninguém a visita no inverno.

Pelas fundas ravinas a água corre, todo o caminho, tumultuariamente, na estação das chuvas e ficam lamaçais todo o ano. Foi por isso que uma fidalga Loba, diz a pitoresca tradição, tendo molhado um pé no caminho da igreja de Idães, protestou que seria a última injúria que a água lhe faria em sua vida e mandou levantar o templo. Não surgiu êle, ainda que o lendário e ingénuo epigrama teimasse, instantâneo à indignação umedecida da proponente; mas, se quizerem, o século XII viu-lhe o fim, que eu não apanhei da água da região para dissolver a cal que a branqueou nem tam pouco os obreiros da fidalga, e posso, ainda assim, prescindir da data que o rebôco ilegibilizou para recolher nela um testemunho incontroverso de semelhante antiguidade.

O portal desenvolve-se num corpo avançado da nave e de menos latitude, constituindo a bem dizer duas antas ladeando um espaço aberto desde a portada e incluindo no vão crescente a que dá lugar o decrescimento de grossura, o alçado crescente das arquivoltas. O lavrado delas não carece de ser descrito. A pp. 55-56 das reproduções da *Arte românica* podem ver-se duas fotografuras, a primeira explicada dêste modo: — Fachada com nártex saliente... — o que eu discuto, apesar da consideração com que tal opinião, vindo muito provavelmente do doutíssimo autor do texto, se me impõe. ¿Pois acaso o corpo da Sé Velha de Coimbra, igreja tipo de representação da arte românica do séc. XII e sem contestação, avançada em torreão defensivo para conter o pórtico, nártex saliente? ¿E o reduzidíssimo corpo avançado de igrejas como a de Unhão, que se mede a centímetros, será nártex rudimentar? ¿não só ainda bem se o colateral único do norte em tantas igrejas não representasse bem melhor as suas funções utilitárias? ¿Pois não é êste o único método plausível na arqueologia emancipada e generalizada em sciência, não já conjectural? Assim me parece com franqueza, mas caiba à minha opinião pessoal responsabilidade só pessoal, que é quanto deve dar-se também, e com mais vantagem à do Sr. Joaquim de Vasconcelos, verosímil e conseqüente, porêm não metódicamente científica. Mas volte-mos à «igreja dos báculos» que assim pode chamar-se a de S. Vicente de Sousa, atenta a expansão da representação nas suas pedras do sceptro episcopal, bem menos representado na de Airães. Ilumina-a pela fachada da nave um espelho de que só pela reprodução da *Arte*

Românica, na p. 7 dos «Detalhes» se pode fazer idea bem nítida. A planta é de uma só nave. A ábside é redonda na primitiva e da sua curva, sob a ampliação mais antiga de que uma inscrição reza, se encontra uma ligeira ondulação na parede sul da actual capela-mor. Mas, que avançar na reconstituição de toda a antiga capela-mor e abside desta interessante igreja com tam poucos dados? Nada. E não fica já bem demonstrado o seu lugar cronológico? Já toquei demais ou menos perto o problema da cronologia de cada uma das igrejas românicas da região. Uma falta e de que não me ocuparei em especial atenta a generalidade e conhecimento do seu tipo. É a igreja de Pombeiro. De três naves com respectivas capelas absidais redondas, reproduz, com efeito um tipo muito generalizado e completo de monumento românico. Uma cousa, porém, é necessário fazer ver. Se pela falta da abóbada de berço e por outros caracteres de entre os quais avulta o de maior antiguidade na ornamentação, a semelhança que a planta do Pombeiro apresenta com a de Travanca é mais um reparo a valorizar a identidade do tema decorativo de monstros encadeados no pórtico e na entrada da torre militar de respectivamente aquela¹, e esta². Este é o mesmo tema que, na igreja de Santa Maria do Cárquere³ impressionou o Sr. Dr. Vergílio Correia a favor de fazer entrar o mosteiro de Travanca nesta cronologia. Mas nem por isso daria mais pela resolução trazida ao problema por S. Ex.^a ou pelo Sr. Joaquim de Vasconcelos criticadas que ficaram segundo o meu critério numas linhas recentes⁴. Como estas já não são o relato da minha impessoal apreciação sempre agora acrescentarei que, perante as minhas conclusões sobre a evolução da curva ultra-semicircular⁵, a hipótese do Sr. Joaquim de Vasconcelos quanto à cronologia de Travanca (início do séc. XI para o acabamento)⁶ perdeu muito da sua razão de ser, Pombeiro considero eu posterior a S. Vicente de Sousa. Vê-se que esta cronologia dos monumentos românicos, desce sem grande escrúpulo, mas desce no interesse de verosimilhança e, espero bem que da verdade.

EDMUNDO ALVES.

¹ *Arte Românica*, p. 107 das reproduções.

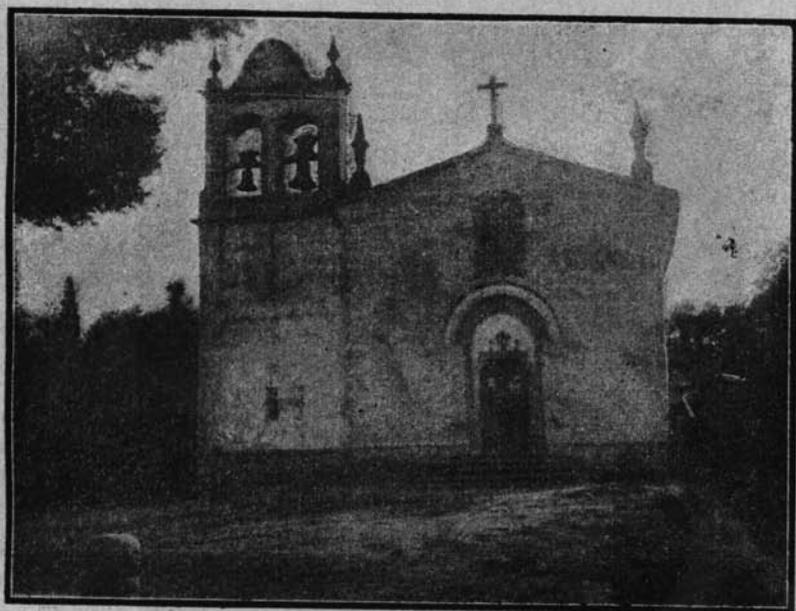
² *Arte Românica*, p. 62 das reproduções.

³ *Terra Portuguesa*, III, p. 59, fig. 4.

⁴ A questão cronológica de Travanca em *Instituto*, Coimbra, Agosto 1918.

⁵ Ainda inéditas mas já entregues para saírem num próximo volume da *Revista da Universidade* à data em que esta monografia foi redigida. Vieram, porém de 4 para o *Arqueólogo Português*.

⁶ *Arte*, Pôrto. Janeiro de 1908. 6-8 14-16 e 19-20.



F g. 1

Igreja de S. Romão de Arões.—*Frontaria*

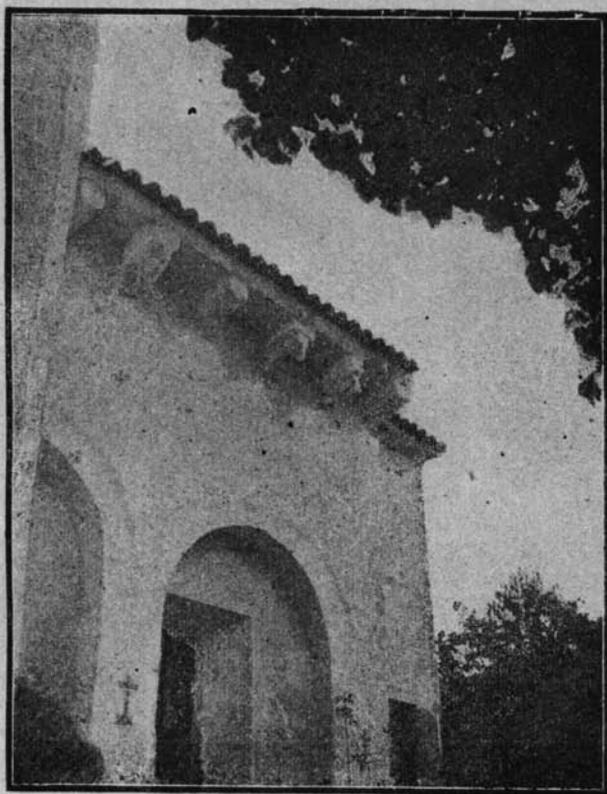


Fig. 2

Igreja de S. Romão de Arões.—*Aspecto lateral do norte* (sacristia)

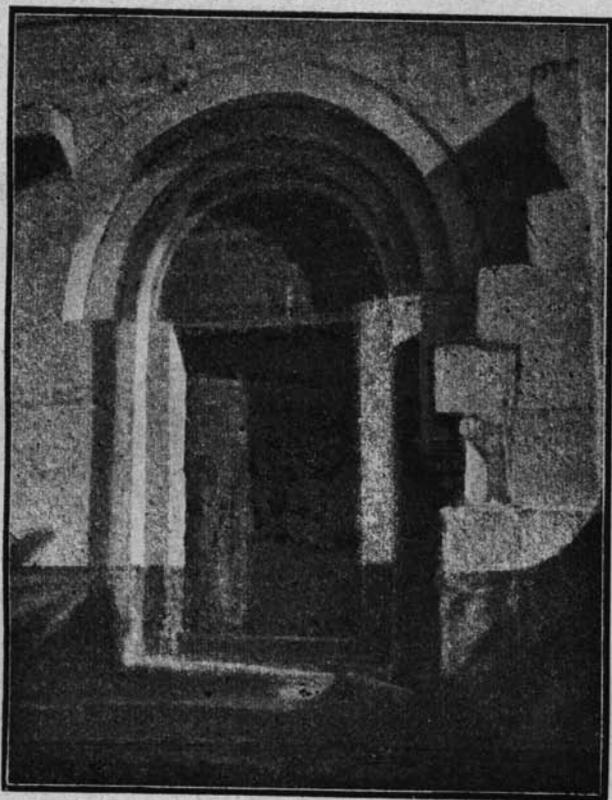


Fig. 3

Igreja do S. Romão de Arões. — *Porta lateral do sul*

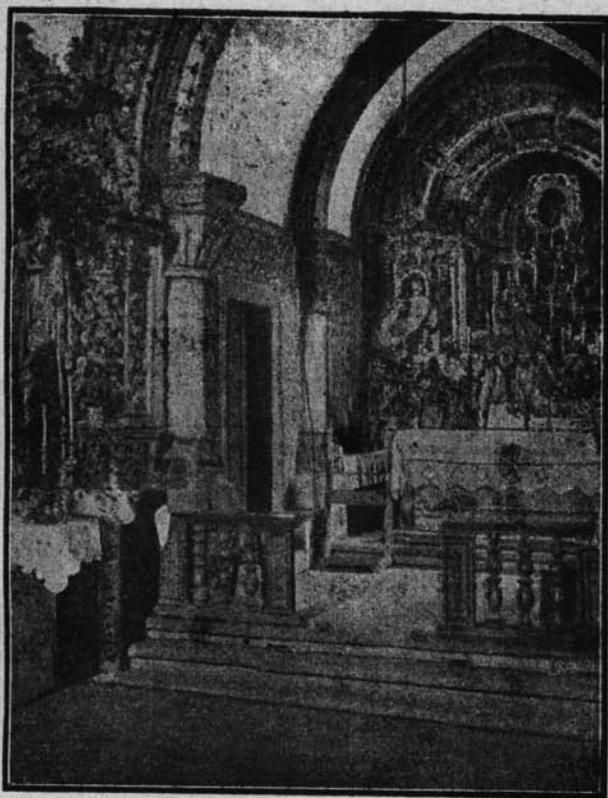


Fig. 4

Igreja de S. Romão de Arões. — Trecho da capeta mor (capitéis)